

PRÓLOGO

O QUE TEM
DE SER FEITO

O Rei das Sombras pode destruir-me.

Consigo senti-lo. Quando a magia do demónio ancestral nos engole a ambos, pressinto a minha própria ruína, mas não há nada que possa fazer para o impedir.

Os redemoinhos negros dele apertam-se como um punho em torno da minha caixa torácica, e depois... *dor*. Uma dor que esmaga, que sufoca, que me rouba o fôlego.

Na colina verdejante, acima da Fortaleza da Divisão do Norte, o seu fumo perfumado a mirra e seiva torna-se opaco, toldando a minha visão de Nick a correr para nos deter. A magia do Rei adensa-se, até que tudo o que consigo ver é a armadura de éter de Nick a cintilar ao sol. A sua mão estendida. Os seus olhos azuis ardentes com sede de batalha. A minha última memória da Fortaleza é Nick a tentar proteger-me.

Houve tantas batalhas, tantas perdas, apenas para *me proteger*.

A Volição, um refúgio destruído porque procurei abrigo nas suas terras ancestrais. O esconderijo das Artesãs de Raiz, de Lu, Hazel e Mariah, comprometido porque me ofereceram santuário. Alice em coma depois de eu a ter atingido, quando estava possuída. Selwyn, sucumbido à demonia após absorver o meu poder para me trazer de volta a mim mesma. E Nick, a arriscar a vida ao regressar à mesma Ordem que enviou Merlins assassinos para o matar. Demasiadas lutas. Demasiadas perdas.

O Rei aperta-me a mão.

— Perdoa-me — murmuro a Nick, a todos, a mim própria.

Evitei Nick antes de subir a colina, porque se havia alguém capaz de me impedir de partir, era ele. Os olhos de Nick veem sempre

demasiado, com uma clareza dolorosa, sempre viram. Oferecer-me-ia compreensão quando eu não quero ser compreendida.

Não por isto.

— Por favor, quero que saibas que eu... Quando dou por mim, estamos a viajar pelas sombras.

A escuridão envolve-nos em correntes espessas e negras como tinta. O meu corpo *sabe* que estamos a mover-nos. Sinto os saltos pelo espaço. Por vezes, quando as fendas se abrem o suficiente no negrume em turbilhão, vislumbro lugares aterradores — campos calcinados sob um céu sombrio, quilómetros e quilómetros de campas à noite, as partes mais profundas do oceano — antes de o ciclone se fechar outra vez. O meu estômago revira-se quando o mundo reaparece, e novamente quando desaparece.

É isto que significa viajar pelas sombras, penso... mesmo antes de começar a sufocar.

Neste vórtice entre o aqui e o ali, não há ar. Pergunto-me se poderei morrer antes sequer de começar esta nova vida.

Não.

O pensamento desperta a minha mente privada de oxigénio. Aperto o punho duro da *Excalibur* junto ao corpo.

Não vou morrer aqui.

Quanto tempo passou? Segundos? Minutos? Não sei.

De repente, sem aviso, aterramos.

Os meus joelhos cedem, batendo no mármore frio e branco. O meu aperto sobre a espada afrouxa, e a *Excalibur* cai ao chão com um som metálico. O cheiro intenso a produtos de limpeza prende-se-me à garganta, e tusso. Solto um palavrão rouco. Arquejo em busca de ar. Tento orientar-me.

Estamos num corredor longo, vazio, sem janelas, dentro de um edifício que não reconheço. Ainda a tossir, ergo a vista turva para a massa de fumo à minha frente. Onde deveria haver um rosto, há uns olhos de obsidiana com centros carmesins brilhantes. Um demónio tão poderoso que, a esta distância, até o seu escrutínio descontraído me queima a pele.

O Rei das Sombras, inumano.

Enquanto ele observa a minha humanidade desfeita, arfante e suada no chão, reparo num tentáculo feito de trevas enrolado à câmara de segurança montada na parede atrás dele, a tapar a lente. Onde quer que estejamos, o Rei das Sombras já garantiu que a nossa presença passará despercebida.

A nuvem negra volta a captar a minha atenção. Agita-se lentamente, depois dissolve-se e endurece até assumir a forma sólida e familiar de Erebus Varelian, Mago Senescal das Armas do Alto Conselho da Ordem da Távola Redonda.

Erebus observa-me com uma sobrancelha erguida e as mãos cruzadas contra o cinto. Os seus olhos são agora os de um Merlim de meia-idade: vermelho-sangue, com pupilas humanas negras. Tem o cabelo espesso e negro impecavelmente penteado para trás, no corte regulamentar da Guarda dos Magos, e um sobretudo escuro sobre os ombros, descendo até aos joelhos.

Este é o homem que enganou a mais poderosa e antiga sociedade secreta do mundo, fazendo-a acreditar que era um dos seus quem sabe por quanto tempo. Mesmo agora, a Ordem continua a pensar que Erebus é o seu mais leal e bem posicionado soldado Merlim. Apenas ele e eu conhecemos a verdade: que ele é o maior inimigo da Ordem. E apenas nós sabemos que eu, a Herdeira e rei da própria Ordem, abandonei a Távola Redonda para me tornar sua aprendiz.

A próxima inspiração sai-me trémula. *O que é que eu fui fazer?*

— Consegues andar? — pergunta Erebus, a voz baixa e desinteressada. O respeito deferente que mostrara quando nos conhecemos desapareceu.

— Porque é que — a voz sai-me rouca — me levaste antes de eu poder...

— E o que julgas que terias dito ao Nicholas Davis — murmura Erebus, o rosto indecifrável — se eu não te tivesse tirado de lá?

A minha mente regressa a essas imagens finais. A armadura de Nick. A sua mão. Os olhos. As pontas dos dedos a alongarem-se para tocar nas minhas. A nossa chamada e resposta, um processo interrompido. Cerro os dentes.

— Isso não te diz respeito.

Erebus ergue ligeiramente uma sobrancelha.

— Então fiz bem em tirar-te dali quando tirei.

— Que queres dizer com *isso*?

— Se o Nicholas Davis te tivesse tocado, não te teria largado. — Os lábios de Erebus apertam-se. — Já será incómodo suficiente tal como está.

O medo é um fio gélido e silencioso dentro do meu peito. O Alto Conselho de Regentes quer Nick morto porque não o consegue controlar; a minha ausência não vai mudar isso. Levanto-me.

— Incómodo?

Algo cruel cintila no olhar do Senescal.

— Quando recuperar do choque do teu desaparecimento, quem achas que o Nicholas vai procurar primeiro? Tu... ou o Selwyn?

Sinto o estômago a cair. Não tenho resposta, mas sei que não *quero* que Nick venha à minha procura.

Erebus solta uma gargalhada baixa perante o meu silêncio.

— De qualquer maneira, o rapaz vai andar a perseguir fantasmas. Vou certificar-me de que ninguém te encontra, e o Selwyn já é uma causa perdida.

O meu medo silencioso dobra-se sobre si mesmo. Pedi a Erebus que levasse Sel à mãe, na esperança de que ela conseguisse reverter a sua descida à demonia, mas nem o rei dos demónios pode garantir que Natasia Kane será capaz de salvar o filho. Sel confiou em mim para controlar Artur, e porque eu confiei em *mim própria* num momento em que não devia, ele sacrificou a sua humanidade para me salvar.

O ar prende-se-me na garganta e sinto os olhos a arder. Está feito. Está tudo *feito*, e nada o pode mudar.

Engulo em seco e sustenho o olhar de Erebus com firmeza.

— Acho que o Nick vai atrás *de ti*. Afinal, ele viu-te. Viu o *Erebus* a levar-me.

As feições de Erebus esbatem-se na sua pele castanha até se dissolvem numa névoa cinzenta. Até ele já não ser Erebus, nem o Rei, nem *ninguém*. Uma sombra com forma de homem.

— Ah, viu-me, foi?

O meu coração sobressalta-se com o lembrete de que Erebus é apenas um rosto que o Rei *escolhe*.

Naquele último momento na colina, eu não estava a olhar para o Rei das Sombras... estava a olhar para Nick. O Rei pode imitar a identidade de um número infinito de vítimas assassinadas. Ao contrário dos cambions, meio-demónios, meio-humanos, os demónios puros como ele não *têm* humanidade; roubam-na. Matam-nos e depois vestem-nos. Como roupa.

A bília sobe-me à garganta.

— Se o Nick te viu assim, então com quem julga que parti?

— Com ninguém, suponho. Ou com qualquer um. — O corpo do Rei estremece. No lugar da figura de Erebus surge agora uma pessoa alta, de traços finos e compridos que não reconheço, pele pálida salpicada de sardas e cabelo cinzento e castanho.

O medo e o horror recuam para dar lugar à raiva que me ferve nas entranhas.

— Lembras-te sequer do nome do humano cujo rosto estás a usar?

— O nome dele não era importante — responde, com a voz deste novo corpo. Sem mais uma palavra, o Rei das Sombras volta-se sobre os calcanhares e avança pelo corredor com passos longos e firmes. Quando não está a fazer ondular véus sombrios para tapar as câmaras à sua frente, tem as mãos enterradas nos bolsos fundos.

Corro atrás dele, segurando a *Excalibur* e pousando-a com cuidado na anca, a lâmina apontada para baixo e para trás. Devia mesmo ter arranjado uma bainha para a espada antes de partir.

— Onde é que estamos?

Erebus, o Senescal, teria respondido à pergunta da sua Herdeira da Coroa, mas este demónio não é esse Erebus e eu já não sou a sua Herdeira da Coroa. Foram apenas máscaras que usámos, e a dele sempre lhe assentou melhor do que a minha.

Sou a descendente com Arte de Sangue do Rei Artur. Sou Artesã de Raiz e Lendária, ou pelo menos *era*, antes de abandonar ambos os grupos. Agora sou o *investimento* com a marca de sangue do Rei das Sombras. Sou uma fonte de poder que lhe pedi para ensinar e ajudar a crescer, mesmo sabendo que ele planeia usar esse poder para, um dia,

triumfar sobre a Ordem que ambos desprezamos. Com ele, tornar-me-ei uma arma — uma que ele empunhará quando eu for suficientemente forte.

Tenho a sensação de que o Rei das Sombras não me deixará esquecer que, ao partir com ele, escolhi *esta* identidade — a de uma arma — acima de todas as outras.

Os pés demoníacos do Rei não fazem som, mas os meus, humanos, sim. As botas castanhas e macias que Greer encontrou e deixou no meu quarto na Divisão do Norte fazem um barulho abafado quando acelero o passo para o acompanhar. Greer deixara também umas calças largas e uma *T-shirt* com a estampa de uma banda, provavelmente roupa delu. Pergunto-me se encontrarei mais onde quer que acabemos por ir ou se será apenas isto. Talvez devesse ter feito uma mala em vez de ter trazido apenas uma espada.

Mais à frente, o Rei das Sombras vira bruscamente à esquerda e empurra uma porta. Sigo-o, interrompida a meio de um pensamento pelo brilho intenso da sala em que acabámos de entrar — e pelo que contém.

De cada lado do caminho trilhado pelo Rei, há sarcófagos egípcios alinhados atrás de grandes vitrinas de vidro. Com um simples movimento do pulso, ele faz desaparecer as câmaras distribuídas pelo teto alto.

— Onde é que... — começo, mas ele responde sem abrandar o passo:

— No Museu Britânico.

— Em *Londres*?! — A voz sai-me num guincho.

Olho novamente para o sarcófago à minha frente e, por entre o espanto que ainda paira, sinto crescer uma sensação de injustiça. De acordo com a pequena placa branca na base da vitrina, estou diante de uma jovem que viveu em Tebas, no ano 800 a. C. As tintas em tons de ocre, vermelho e amarelo desenharam-lhe o rosto no caixão de madeira — e lembro-me, de repente, de outra rapariga que também não acordará. Alice. Respiro fundo, empurrando para longe a culpa e a lembrança.

Este não devia ser o seu lugar de repouso, penso. Não presa atrás de um vidro, nas mãos de um colecionador. Não foi aqui que o seu povo imaginou que ela estaria. As pontas dos dedos ardem com o impulso de tocar no sarcófago, de

perceber se a alma da rapariga ainda se encontra desperta lá dentro. É o instinto de uma Médium, um que nem sei se ainda consigo seguir, depois do que fiz à minha linhagem ancestral...

O Rei pigarreia junto a uma porta no fundo da galeria. Ajusto o peso da *Excalibur* à anca e apresso-me a alcançá-lo. A placa na porta diz APENAS CURADORES. Quando chego ao pé dele, o Rei das Sombras estende-me a mão. Por um segundo, não compreendo.

— A espada, Briana.

Agarro o punho com força.

— É minha.

Escolhi as palavras erradas.

Ele solta um sibilar, os lábios a recuarem num esgar.

— Aqui, não tens *autoridade* nenhuma, miúda. — A voz dele muda, torna-se áspera e profana. — Não há cortes de crianças a ajoelhar-se diante de ti, nem Regentes a venerar o teu sangue. Na *minha* presença, não és a *Herdeira da Coroa*. E, se eu quiser, tomo Caledfwlch à *força*.

Um medo cru e primordial atravessa-me o corpo. Tudo em mim grita que o Rei das Sombras é infinitamente mais poderoso do que o Merlim que finge ser. Que é mais forte até do que os demónios goruchel que a Ordem mais teme. Que a sua verdadeira essência demoníaca é inconcebível e oculta e mais ancestral do que a mais antiga das montanhas. Ele acabou de me transportar para o outro lado do planeta, vergando o espaço e a luz à sua vontade... mas fui eu que escolhi vir. E não posso permitir que ele me vergue também.

— Preciso dela... — começo.

— Para quê? — corta ele, impaciente.

Força. Poder. Controlo. É disso que preciso acima de tudo. É isso que tornará esta fuga suportável. E agora que reforjei a *Excalibur*, é mais minha do que nunca.

— Para treinar. — Ergo o queixo. — Enquanto Erebus, treinavas Merlins e comandavas a Guarda dos Magos. Enquanto Rei das Sombras, já viste todas as Camlann, todas as guerras demoníacas, todas as vitórias dos Lendários. E enquanto Caçador, observaste todas as mulheres da minha família desde a Vera. Sabes o que somos capazes de fazer.

— Tudo verdade.

— Prometeste ensinar-me — digo. — E estou pronta para aprender. Fizemos um acordo.

Um meio-sorriso aparece-lhe nos lábios.

— Um acordo que *não foi regulamentado*.

Semicerrou os olhos. Um acordo não regulamentado, feito sem um mediador, é um terreno que me é bastante familiar.

— Pode não ter sido regulamentado, mas deixei bem claras as minhas condições.

— As *tuas* condições, sim. — O rosto dele volta a ser o de Erebus. — As minhas, nem tanto.

O ar prende-se-me no peito.

— O Valechaz nunca te explicou como funciona um pacto demoníaco? — pergunta, começando a circular-me devagar, com um sorriso divertido. — Que pena.

A fornalha no meu peito manifesta-se sem que eu dê permissão. A minha raiz pressente a ameaça.

— O Valec ensinou-me o suficiente — respondo. — Sei que os acordos não regulamentados permitem aos demónios exigir o que quiserem dos humanos, mas eu fui *muito* clara. Disse-te o que estava disposta a fazer e o que precisava de ti. Aceitei ir contigo e ficar ao teu lado se levasses Sel à mãe dele. O nosso acordo está completo.

Ele continua como se eu nunca tivesse falado:

— Em qualquer pacto, por cada exigência feita, a parte oposta tem o direito de fazer uma em retorno. Como mediador de renome, o Valechaz regulamentava esses acordos para garantir que todas as exigências fossem apresentadas e aceites, permitindo que o acordo se fechasse em pé de igualdade. Essa regulação *é* essencial, porque, enquanto *todas* as exigências não forem cumpridas e aceites, o acordo não pode ser concluído.

O coração gela-me no peito.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que a parte que não declarou ainda as suas condições no momento do fecho fica com uma dívida em aberto. — Sorri.

— Não. — O medo dispara-me o coração. — Eu... nós...

— Disseste que irias comigo e ficarias ao meu lado se eu te concedesse um único favor; e, no entanto, fizeste-me não um, mas *dois* pedidos, Briana. — Levanta um dedo. — O primeiro: que levasse o Selwyn até à mãe. Disseste: «Se o levars até ela, partirei contigo.»

Lanço-lhe um olhar furioso.

— Eu sei o que disse...

— Mas *lembras-te* do que disseste? — A voz dele adquire um tom de escárnio. — Daquilo que exigiste antes de me pedires que transportasse um Kane até outro?

— Que outro...

— Exigiste o meu *conhecimento*. Queres aprender força, poder e controlo. «Apenas um rei pode ensinar outro rei.»

O sangue desaparece-me do rosto. Desce até ao meu estômago, rodopiando num vórtice gelado.

— Dois pedidos, e apenas um cumprido. — O sorriso alarga-se. — Estás em dívida para comigo, Briana. — O sorriso dele alarga-se. — Estamos, tu e eu, tão ligados como por um Juramento.

— Não, eu... eu... — tropeço nas palavras.

— *Sim*.

— Era... um acordo...

— E o que é um acordo, senão um pacto? E o que é um pacto senão uma promessa com um preço... uma marca? Chama-lhes o que quiseres. Todos vêm do mesmo tecido, um tecido de intenção, vontade e sacrifício. O teu poder está ligado à minha marca de sangue. A tua morte, ao meu triunfo. E *tu* estás ligada a mim pelas tuas próprias palavras. — O Rei das Sombras enfia as mãos nos bolsos. — Se eu não puder definir o que recebo em troca de te ensinar e treinar, o equilíbrio quebra-se e o pacto pode ser reivindicado na totalidade.

— Então não me ensines! Eu... eu aprendo sozinha — atiro, mesmo sabendo que é mentira. Mesmo sabendo que *ele* sabe. Que *não posso* aprender sozinha. Que já tentei... e falhei.

Em vez de salientar o que ambos já sabemos, a voz dele assume uma tonalidade baixa, torna-se um murmúrio ameaçador:

— Não queres descobrir o que acontece a quem quebra um pacto justo com um demónio, Briana Matthews.

O meu peito sobe e desce em sobressalto enquanto procuro a frieza que senti na colina da Divisão do Norte. A confiança. Não a encontro.

— Isto não é *justo*...

— *Será* justo quando a tua dívida for paga. Se não, estarás em incumprimento, e o teu incumprimento render-me-á uma vingança *dez vezes maior*. — Aproxima-se. As suas presas cintilam sob a luz. — Primeiro, certifico-me de que o Selwyn Kane morre. Depois, um membro da Guarda dos Magos cortará a garganta da Alice Chen enquanto está adormecida. E o *Erebus* encarregar-se-á pessoalmente de cumprir o plano dos Regentes para assassinar o Nicholas Davis.

Cada ameaça me aperta a garganta. Não consigo respirar nem pensar, tenho um *zumbido* nos ouvidos...

Ele inclina-se para sussurrar:

— Ou talvez apenas sugira ao Aldrich que, se quisermos tirar-te do buraco onde te escondeste, a vida do teu pai, Edwin, talvez não seja uma vantagem tão arriscada quanto julgava...

Inspiro com força. O meu pai é inocente no meio de tudo isto. Não sabe nada sobre quem realmente sou.

— O que. É. Que. *Queres*.

Todos os sinais de diversão lhe desaparecem do rosto.

— Algo que te custará muito a entregar. Um preço que revelarei quando chegar o momento, e não antes.

Fecho os olhos. Viver com uma dívida invisível para com o Rei das Sombras, durante o tempo que ele quiser, é pior do que a destruição.

— Entretanto — murmura —, entregar-me-ás a *Excalibur* de livre vontade.

Não tenho escolha.

De repente, penso em Nick outra vez. Ele acompanhou-me no passeio pelo sangue até às origens do poder Lendário, no século VI. Juntos, vimos o primeiro Merlim lançar o Feitiço da Eternidade sobre os cavaleiros originais da Távola Redonda, iniciando o ciclo que permitiria aos seus descendentes — os Herdeiros — receber os dons mágicos dos seus antepassados, geração após geração. O coração desse feitiço está ligado à minha vida como Herdeira de Artur, e ser a Herdeira de Artur foi o que me permitiu arrancar a *Excalibur* da pedra. Depois de tudo o que vimos

juntos, pergunto-me o que Nick diria ao ver-me entregar o símbolo da Ordem ao seu maior inimigo. Seria capaz de compreender? Ou queria que eu lutasse para a manter? Que lutasse para fazer dela a minha arma?

Por fim, ergo a *Excalibur* pelo punho. Uma oferenda.

O Rei puxa-me a espada das mãos, e um zumbido agudo, metálico, atravessa-me a mente no momento em que me escapa dos dedos. Abro os olhos num sobressalto. Já ouvi o grito de guerra da *Excalibur*, mas nunca um som tão triste como este.

Enquanto o Rei segura a lâmina debaixo do braço, a identidade de Erebus dissolve-se até ele voltar a ser o homem sardento e sem nome. Bate duas vezes na porta atrás de si.

Um momento depois, ouço uma voz abafada, que vai ficando cada vez mais próxima.

— Quando é que vocês, estagiários, *aprendem*? — A porta entreabre-se, revelando um homem branco, de ombros estreitos e camisa azul-clara. — Se continuam a interromper-me, eu...

— Tu o quê, Agaraz? — pergunta o Rei das Sombras, a voz baixa e roufenha.

Os olhos do homem arregalam-se.

— Senhor! — O homem cai de joelhos. — Não o reconhecia... não esperava vê-lo.

— Levanta-te — ordena o Rei. Agaraz ergue-se num só movimento fluido, como se os seus membros fossem fios manejados por mãos invisíveis. *Goruchel*. O terceiro que encontro, depois de Rhaz e Kizia. Ao ouvir-me arquejar, a cabeça de Agaraz vira-se na minha direção, e o seu olhar queima-me as faces. Ele inclina ligeiramente a cabeça, curioso, antes de inspirar devagar, propositadamente na minha direção.

O Rei solta um suspiro impaciente.

— Preciso da tua ajuda com uma lâmina.

— Claro, senhor. — Os olhos de Agaraz fixam-se na *Excalibur*, enquanto o Rei passa por ele e entra numa sala pouco iluminada, onde uma lâmpada na secretária emite um círculo amarelado sobre uma mesa de madeira. Antes de o demónio o seguir, o olhar dele cruza-se de novo com o meu. A fome escancarada no rosto do goruchel deixa-me alerta. A porta fecha-se.

Tento ouvir atrás da porta, mas não me chega nada. Mesmo que a *Excalibur* permaneça aqui no museu, não significa que consiga recuperá-la. Será que vamos ficar aqui ou regressar aos Estados Unidos? E se regressarmos, como conseguiria percorrer sozinha a distância até aqui?

As minhas mãos começam a tremer. As ameaças que o Rei tão facilmente me dirigiu colam-se-me à pele. Pensei que estávamos numa espécie de pé de igualdade, mas ele já me ultrapassou em todos os sentidos. Sinto os olhos a arder com lágrimas quentes de vergonha. Como pude pensar que seria capaz de enganar um demónio mais antigo do que a própria Ordem?

Valec teria percebido de imediato que o meu pacto com o Rei estava incompleto. Alice teria feito perguntas antes de nos deixar partir. Mas Valec não está aqui, e Alice nem sequer está *acordada*. E Selwyn... Sel ter-me-ia arrancado dali antes que as negociações sequer começassem.

O que é que fizeste? Estremeço com a lembrança das últimas palavras de Sel.

O desprezo dele mistura-se com o meu. *O que é que eu fui fazer?*

A minha respiração acelera. A cada expiração, um fio de raiz vermelha escapa-me dos lábios, subindo até ao teto antes de se dissipar. Já respirei fogo, mas isto, isto é como respirar miséria.

De repente, a porta abre-se, e o Rei regressa de mãos vazias. Para, o nariz erguido, a farejar o ar. A raiz vermelha já se foi, mas tenho a certeza de que o cheiro ficou.

— Já me tiraste uma arma. Também vais tirar-me a raiz? — pergunto. — Prender-me mantendo-me fraco?

O Rei lança um olhar aos sarcófagos atrás de mim antes de voltar a encarar-me.

— Os homens gananciosos colecionam o que não compreendem, e os homens fracos destroem o que não conseguem controlar. Um homem que seja ambos tentará recriar o que está além da sua compreensão e, nesse processo, destruirá o original.

Lembro-me da rapariga morta no sarcófago e fito-o, desconfiada.

— E os demónios, fazem o quê?

— Vou transformar-te numa rapariga que ninguém poderá destruir. Não precisarás de uma arma. Tu serás a arma. — O Rei envolve o meu

cotovelo com a mão, apertando-o com força, enquanto os tentáculos do seu poder nos cobrem.

— Respira fundo, Briana.

Obedeço, e voltamos a atravessar o espaço.

II

Desta vez, quando viajamos, cada salto para um novo local sombrio faz-se acompanhar por uma sensação de aperto. É como se os meus próprios átomos estivessem a ser forçados a caber em novos espaços, comprimindo-me dentro de algo demasiado apertado, demasiado perigoso. Vejo ruínas sob um céu de luar, a vegetação cerrada de uma floresta imensa, o Ártico envolto numa noite sem fim.

Quando aterramos, volto a cair de joelhos, mas desta vez sobre um chão de tijolo vermelho num átrio de entrada. À nossa volta, paredes caiadas de branco. À minha esquerda, há uma mesinha de entrada encaixada sob um espelho dourado. À frente, uma sala de estar com cadeirões castanhos, de asas altas, por cima de um tapete espesso e com ar dispendioso diante de uma lareira de pedra. Onde quer que estejamos, a luz da tarde entra pelo vitral na porta pesada de carvalho atrás de mim e espalha uma colagem de cores. As paredes do átrio banham-se em dourados profundos, azuis quentes e um siena queimado quase laranja. Era fim do dia em Londres, por isso talvez estejamos de volta à Costa Leste. E a *Excalibur* está a milhares de quilómetros.

O Rei das Sombras move-se, bloqueando-me a vista para o resto da casa — a grande sala, os corredores à esquerda e à direita.

Ergo-me, exasperada.

— E *agora*, onde estamos?

Como se em resposta, o corpo dele muda de forma outra vez, voltando a ser Erebus.

— Esta é a casa do Erebus.

Detesto admitir que este rosto, esta voz, me trazem algum conforto. Digo a mim mesma que é porque conheço Erebus, mas isso não é

totalmente verdade, pois não? Neste momento, aquilo que «conheço» é como areia que me escorre por entre os dedos.

— Também o assassinaste?

— Sim.

— Há quanto tempo andas a fazer-te passar por este Merlim chamado Erebus? Há quanto tempo vives a vida dele? — pergunto.

— Há tempo suficiente — responde ele.

Fico a olhar para ele, a organizar os pensamentos. «Erebus» foi a al-cunha que Natasia Kane lhe deu na academia Merlim... mas terá sido o *demónio* ao meu lado quem a recebeu, ou é apenas mais uma história roubada ao jovem Merlim cuja vida foi interrompida?

— Durante quanto tempo é que os instrutores da academia ensinaram e treinaram, sem saber, a maior ameaça da humanidade?

A boca dele mexe-se num pequeno sorriso de aprovação.

— Fazes boas perguntas, Briana.

— Não quero a tua aprovação — atiro-lhe.

— E não a ganharás facilmente. Espera aqui. — Reunindo a escuridão trémula à sua volta, Erebus desaparece numa nuvem de fumo.

Tanto quanto sei, podia estar do outro lado do mundo outra vez. Noutro país, noutro fuso horário, ou até de volta junto dos Regentes, a fingir ser o seu Senescal.

Passado um momento, as sombras da sala amolecem, regressando aos seus lugares, tomando a forma dos objetos de que nasceram, até ficarem imóveis. A única coisa que se move em toda a sala é o meu peito, a subir e descer com respirações irregulares.

Não sei quanto tempo fico ali, à espera de que Erebus volte. Tempo suficiente para a luz mudar à minha volta, desenhando novas formas nas paredes caiadas. Tempo suficiente para o tique-taque distante de um relógio de pêndulo, erguido num canto, crescer até me preencher os ouvidos. Tempo suficiente para o arrependimento e a incerteza se me instalarem no peito. Para me questionar se, ao escolher o meu próprio destino, não me terei condenado a um pior.

Há quanto tempo estou à espera, afinal? Olho para o relógio. Há demasiado.

Dou um passo em frente, meio à espera de ver o meu novo mentor surgir ao meu lado por me ter mexido sem autorização. Não acontece. Dou outro passo, depois mais um, até estar no centro da sala de estar e poder observar melhor os pormenores da casa.

Para o lar de um rei dos demónios, é tudo bastante... inócuo: arcos elevados conectam o espaço principal a outros corredores e divisões. Há uma cozinha semiaberta à esquerda. Estantes embutidas, castanhas, de cada lado da lareira, contêm cinco filas de livros de capa de cabedal que me lembram a coleção de raridades da biblioteca da Sede, só que estes parecem ainda mais bem cuidados. Não há fotografias de pessoas, mas a casa não parece abandonada. A cornija da lareira está impecável, sem um grão de pó, e os candeeiros igualmente limpos.

Será que Erebus me vai deixar aqui até decidir que estou pronta para treinar? Por quanto tempo, pergunto-me? Dias? Semanas? *Meses*? Um pânico miudinho instala-se em mim, o suficiente para eu confundir o formigueiro que sinto na nuca com nervos ao invés daquilo que realmente é.

Quando a sensação se duplica, as dúvidas desaparecem.

Estou a ser observada por um demónio.

Inspiro silenciosamente. Enfio o pânico num canto e preparo-me para lutar. Em vez de permitir que a minha respiração se descontrole, puxo longas e constantes golfadas de oxigénio para alimentar os músculos e o cérebro. Sinto o calor familiar da minha raiz atrás do esterno. Sinto a força de Artur no corpo e lembro-me de que é minha, não dele.

Os meus olhos desviam-se para a lareira, junto ao meu pé esquerdo. Aquele atizador de ferro serve perfeitamente.

Giro devagar sobre o calcanhar para enfrentar a sala — e fico cara a cara com uma rapariga negra da minha idade, com tranças *twist*¹ grossas a caírem-lhe pelas costas. Usa um *top* preto de alças finas, calças de ganga pretas justas, luvas de rede até aos cotovelos e um sorriso à Cheshire. A maquilhagem está impecável: sombra escura e esfumada, *eyeliner* marcado, batom cor de ameixa profunda e um *blush* rosa suave nas maçãs do rosto, quentes e pronunciadas. Poderia estar igualmente

¹ Estilo de penteado comum em cabelos afro-texturados em que se torcem duas madeixas de cabelo uma à volta da outra, formando um padrão definido. (*N. da T.*)

à vontade num café ou num concerto. É o tipo de beleza dinâmica que tem o mesmo poder quer esteja imóvel quer em movimento.

E tudo na sua postura — os dedos distendidos, o sorriso ansioso — parece preparado para lutar.

Os olhos dela são de um castanho humano profundo e, por um instante, questiono os meus sentidos, a minha própria paranoia. Depois, aquele sorriso abre-se ainda mais e as íris assumem um tom vermelho antes de voltarem ao castanho. É aí que percebo — não é um demónio goruchel, cujos olhos são sempre vermelho-escuros ou da cor do corpo humano que roubaram. Não é um Merlim *maioritariamente* humano, com olhar dourado ou ocre. Trata-se de uma cambion equilibrada, filha de humano e demónio, como Valechaz. O que significa que pode ter a minha idade... ou centenas de anos.

Talvez viajar com o próprio rei dos demónios me tenha tornado imune ao medo comum, porque uma cambion equilibrada devia *aterrorizar-me*. Em vez disso, sinto-me fria, como quando deixei Alice. Como quando estive na colina da Fortaleza. Como se neste momento não houvesse nada que me pudessem tirar que eu já não tivesse perdido.

E é dessa frieza que preciso agora.

— Quem és tu? — pergunto, aproximando-me da lareira.

— Sou a Zoelle — ronrona ela. — Quem és *tu*?

O atizador está ao nível da minha anca. Passear pelo sangue através das memórias de Artur canhoto tornou a *minha* mão esquerda mais hábil do que antes, o suficiente para me permitir agarrar no ferro com confiança. O que significa que a minha mão direita ficará para a raiz. Vai ter de servir, porque não planeio deixar Zoelle aproximar-se. Se ela me tocar, não conseguirei derrotá-la usando apenas força bruta; os cambions são demasiado fortes.

Tento uma última manobra antes que isto fique feio.

— O Erebus trouxe-me aqui. Ele não vai querer que me magoes.

— Trouxe-te, foi? — Zoelle observa-me de alto a baixo, aterrando o olhar no meu esterno. — Trouxe-te para aqui com *esse* poder todo? — Sorri. — Aposto que é delicioso.

— Não precisavas *mesmo* de ter dito isso — resmungo, com uma careta.

— Porque não? — Os olhos dela brilham. — É verdade?

Em vez de responder, lanço a palma para a frente, disparando uma chama de raiz num jato curto.

Zoelle cai no chão.

— Ei!

Aproveito a distração para agarrar o ferro da lareira — mas, antes que o consiga erguer, uma bola de fogo verde aparece, estalando à minha frente e fazendo-me recuar.

Aquilo foi uma bomba de éter. Nem a vi forjá-la.

Preciso de mais espaço.

Corro para a frente da lareira — e a mão de Zoelle dispara, fechando-se à volta do meu tornozelo. Puxa-me para baixo. Quando bato no chão, a ponta afiada do atizador roça-me a face.

Uns centímetros mais ao lado e ter-me-ia perfurado o olho direito.

Rosno, torço o corpo e lanço a palma em chamas ao rosto dela. Zoelle grita.

Enquanto ela se contorce, ergo-me de um salto. Preciso de sair daqui. *Agora.*

Disparo pela sala, em direção à porta das traseiras. De repente, um corpo interpõe-se entre mim e a saída, obrigando-me a travar.

— Onde julgas que vais? — pergunta uma voz grave.

Pisco os olhos, certa de que estou a ver mal. O cambion diante de mim parece-se com Zoelle — não, não é apenas parecença, é uma *quase* semelhança. Em vez das *twists* compridas, tem o cabelo preto rapado rente ao crânio. Os mesmos olhos. O mesmo corpo alto e esguio, mas veste uma *T-shirt* azul-marinho de mangas compridas arregaçadas nos cotovelos e calças escuras sobre uns ténis *Chucks* vermelhos. Se Zoelle é café ou concerto, este é sobretudo café: sorriso torto, olhos atentos e ávidos. Onde Zoelle é centelha, ele é energia contida. Um fio quente e constante de poder, em vez do clarão fulgurante da atenção da Zoelle, chicoteia-me a pele enquanto ele me escrutina. Mas isso não significa que seja menos perigoso.

Atrás de mim, uma gargalhada. Viro-me e vejo Zoelle de braços cruzados no peito, a sorrir. A sua face esquerda já está a sarar, o vermelho cru da queimadura a transformar-se num rosa profundo.

— Sou o Elijah. Quem és tu? — Sobressalto-me com a voz grave demasiado perto do meu ouvido.

Recuo, mantendo-os aos dois no campo de visão.

— Vocês são...

— Gémeos — grita Zoelle. — Ele é o meu irmão insuportável.

— E ela é a minha irmã teimosa e manhosa — acrescenta Elijah. — E tu és...?

— Não estou interessada — sibilo, contornando Elijah em direção à porta.

Elijah ri e agarra-me o braço, apertando-o.

— Não fujas! Só nos dás mais vontade de te perseguir! — Recuo instintivamente, e, depois de ver a força de Valec, metade de mim espera *sentir* o estalar do meu osso no seu aperto. Não acontece, e não é por falta de tentativa de Elijah.

Então são cambions equilibrados, mas não tão fortes como Valec? Serão tão fortes como Sel? Puxo outra vez, e os dedos de Elijah cedem um centímetro.

— Só queremos uma amostra — diz Elijah, e, quando me larga para passar um braço sobre os meus ombros como se fôssemos amigos, há algo que se torna evidente: por muito poderosos que sejam, não foram *treinados* como Merlins.

Um Merlim nunca cometeria o erro de me largar.

— Isso não vai acontecer. — Agarro o antebraço de Elijah com as duas mãos e puxo para baixo e para dentro, rápido, antes que reaja, arqueando a coluna e projetando as ancas para trás contra o torso dele. Elijah voa por cima do meu ombro num arco perfeito e cai sobre a mesa de centro de vidro, estilhaçando-a em mil pedaços.

Por um segundo, ficamos todos imóveis. A boca de Zoelle abre-se. Depois, a expressão chocada de Elijah transmuta-se em fúria. Antes que se levante no mar de vidro partido, a gargalhada da irmã chegam-nos aos ouvidos.

Viramos a cabeça ao mesmo tempo. Zoelle está dobrada sobre si, a segurar as laterais do corpo, os olhos a faiscar em vermelho e negro.

— Jah! — arfou. — *Caíste* mesmo de cu!

— Zoeeee... — rosnou Elijah. Num piscar de olhos, já está de pé, à minha frente, um esgar a rasgar-lhe o rosto castanho enquanto se ergue no epicentro dos estilhaços.

Estende a mão para chamar éter, e uma nuvem verde rodopia-lhe em torno do punho, mas Zoelle reclama-a com a palma estendida, moldando-a num bastão sólido e brilhante...

— *Que se passa aqui?* — A voz de Erebus ecoa do átrio, estalando-me nos ouvidos.

Num piscar de olhos, Zoelle e Elijah estão de joelhos, as cabeças baixas. Erebus ergue-se sobre eles, os olhos a arder em vermelho.

A voz de Elijah é um murmúrio furioso junto da irmã.

— Nós não...

— Vocês *sim* — corrige Erebus. Elijah cala-se de imediato. — Porque, quando deixei a Briana aqui, ela estava sozinha. Expliquem-se.

— Ela... — começa Zoelle.

— Expliquem-se *vocês*, não ela. *Agora*.

Os gémeos encolhem-se com o tom de Erebus, enquanto a sala escurece à nossa volta. Até a luz recua na presença do Rei das Sombras. As próprias sombras ganham ousadia.

— Pensámos que ela era um presente — diz Zoelle, entre dentes cerrados. — Um tributo.

A escuridão profunda atrás de Erebus agarra-se-lhe às costas e depois abre-se como asas, pintando a sala em tons de cinzento e negro.

— Se fosse um tributo, o poder dela seria *meu* para consumir. Não vosso.

— Sim, senhor — murmura Elijah. — Pedimos desculpa.

— Zoelle? — A voz de Erebus adquire novamente aquele timbre ecoante, sobrenatural. Uma voz que invade a mente de dentro para fora.

Os olhos de Zoelle apertam-se num esgar de dor, como se lutasse contra o impulso de responder.

— Zoe! — repreende Elijah.

No fim, a voz dela é ténue e afiada:

— Peço desculpa.

Satisfeito, Erebus recolhe o seu poder até voltar a ter a forma de um homem.

— De pé — ordena. Os gémeos levantam-se, as cabeças ainda baixas. Erebus não parece surpreso com o comportamento deles; parece, isso sim, aborrecido.

— Quem são eles? — pergunto.

Ele observa os dois durante um longo momento, a ponderar.

— Estão sob a minha tutela.

Engasgo-me.

— Tutela? Como se fossem teus filhos?

Elijah abre a boca — para protestar ou corrigir-me —, mas um único olhar de Erebus cala-o. Zoelle — Zoe — lança-me um olhar de morte antes de baixar a cabeça novamente.

Erebus repara em tudo.

— Esperava regressar antes dos gémeos, para poder fazer as apresentações como deve ser, mas os Regentes atrasaram-me. No entanto, este momento inesperado serve para nos lembrar do trabalho que temos a fazer, Briana.

— Que *trabalho*? — cospe Zoelle. — Quem é esta rapariga, senão uma oferenda?

— Vocês dizem que não querem ser tratados como crianças. Que querem conquistar a minha confiança. — As cabeças dos gémeos erguem-se num movimento rápido. Erebus tem agora a atenção total deles. — Afirmam que estão prontos para mais responsabilidade. Talvez a Briana seja a solução.

— Isso não me agrada nada — murmuro. Os três viram-se para mim ao mesmo tempo.

Erebus cruza os braços.

— A tua primeira lição começa agora, Briana Matthews.

— E qual é?

— Chamar o teu poder não basta; tens de aprender a *selá-lo*. — Aponta para o meu peito. — Parece que tanto a Zoe como o Elijah o sentiram imediatamente. Tal como o Agaraz no museu. Isso é inaceitável. Tens de ser capaz de o fechar de tal forma que nenhum demónio ou cambion o consiga detetar. Para que qualquer ser mágico que te encontre te veja apenas como uma rapariga humana.

Olho para os gémeos, e a imagem do olhar faminto de Agaraz volta-me à memória.

— Porquê?

— Porque, se não o fizeres, serás devorada ou destruída antes sequer de o treino começar. Não posso, nem vou, estar contigo todos os instantes do dia. Nem controlo todos os demónios e cambions deste plano.

Bem, isso é curioso. Até o rei dos demónios tem limites? Procuo no rosto de Erebus qualquer sinal do que sente acerca disso, mas a expressão dele não revela nada.

— Está bem — concedo. — Como aprendo a selar o meu poder?

Ele atravessa a sala até às portas das traseiras e desliza uma delas, apontando para a floresta para lá do quintal: árvores, arbustos e colinas ondulantes que parecem estender-se por quilómetros. Uma rajada de vento de inverno invade a sala — e sou a única que estremece.

— Com dez minutos de vantagem.

— Um jogo? — Elijah estala os dedos. — Escondidas?

— Precisamente.

— Podemos comê-la se a apanharmos? — pergunta Zoelle, com os olhos fixos em mim.

Erebus entoa um murmúrio pensativo.

— Se a apanharem usando *apenas* o vosso sentido de éter, considerarei essa possibilidade.

— O quê? — O coração salta-me para a garganta. Ele não permitiria que outro demónio consumisse a minha raiz.

Mas o brilho vingativo nos olhos de Elijah diz-me que mal pode esperar para me deitar ao chão. Ao lado dele, Zoelle mostra as presas enquanto apanha as tranças num rabo de cavalo.

— Vamos lá — diz ela, com um esgar divertido.

Erebus aponta para o relógio de pêndulo.

— Dez minutos, Briana...

Estou a correr antes que ele termine a frase.

Pelas portas, pelas escadas, pelo pátio, e para dentro das árvores tão depressa quanto as pernas me levam. Os meus braços agitam-se ao lado do corpo; as coxas ardem-me enquanto avanço pelo terreno, levantando agulhas de pinheiro pelo caminho.

Se esta é a primeira lição, então não tenho alternativa senão dominá-la. E a seguinte. E a que vier depois. Não tenho escolha, porque não *existe* escolha.

Aprenderei tudo o que puder com o Rei das Sombras, porque só *ele* me pode ensinar o que preciso de saber.

Quando for forte o suficiente, quando for poderosa o suficiente, quando tiver controlo total, não importará o que enfrente a seguir. Não importará se o meu adversário é humano ou demónio, cambion ou espírito, Morgana ou Regente... porque, seja quem for, não voltarei a permitir que me magoe.